

INTERVENÇÕES CORSÁRIAS EM JORNAIS: PASOLINI E OS JOVENS INFELIZES

Cláudia Tavares Alves¹²⁴

Resumo: Na década de 1970, enquanto publicava em jornais de grande circulação na Itália, como *Il Mondo* e *Corriere della Sera*, Pasolini fez intervenções bastante contundentes sobre a situação dos jovens italianos da época. O escritor estava preocupado em compreender de que maneira os mecanismos de padronização cultural afetavam a formação desses jovens que nasceram depois do fim da segunda guerra mundial e do fascismo. Para tanto, o intelectual se coloca numa posição entre aquele disposto a dialogar com esses jovens, alimentado por sua vocação pedagógica, ao mesmo tempo em que sabe que seu lugar de fala remete a outra geração e que, por isso, esse diálogo é sempre da perspectiva de um mundo que não existe mais. O objetivo desse artigo é então situar, a partir dos escritos jornalísticos de Pasolini, esse debate. Além disso, pretende-se observar como as reflexões pasolinianas sobre os jovens infelizes dizem respeito a uma sociedade que decorre de mudanças sociais e culturais pós-revolução tecnológica e a consequente consolidação do modelo de vida burguês e consumista na Itália.

Palavras-chave: Pier Paolo Pasolini. Juventude. Jornais. Imprensa. Literatura Italiana.

Abstract: During the 1970s, Pasolini made strong interventions about the Italian youth while was publishing in big newspapers, such as *Il Mondo* and *Corriere della Sera*. The writer seemed to be worried about understanding how the mechanisms of cultural standardization affected the formation of these young boys and girls who were born after the end of the Second World War and the fascism. The intellectual assumes a position between the one who wants to dialogue with the Italian youth and the one who was born in a different world and for that is from another generation which does not exist anymore. The objective of this article is to situate this debate taking into account Pasolini's writings for newspapers. Moreover, I intend to observe how these reflections about the sad Italian youth regard a society that is a consequence of social and cultural changes occurred after the technological revolution and the consolidation of a bourgeoisie and consumerist way of life in Italy.

Keywords: Pier Paolo Pasolini. Youth. Newspapers. Press. Italian Literature.

De março a junho de 1975, o escritor italiano Pier Paolo Pasolini escreveu uma série de ensaios¹²⁵ para a coluna “A pedagogia”, do jornal *Il Mondo*, que foram

¹²⁴ Doutoranda em Teoria e História Literária, Unicamp, clautalves@gmail.com. Bolsista FAPESP (2016/07884-0).

¹²⁵ A noção de ensaísmo acerca dos escritos jornalísticos de Pasolini foi explorada na minha dissertação de mestrado, “O ensaísmo *corsário* de Pier Paolo Pasolini”, defendida em fevereiro de 2015 no Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp, sob orientação da Profa. Dra. Maria Betânia Amoroso. Está disponível para consulta em <repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270079/1/Alves_ClaudiaTavares_M.pdf>. Esse artigo é resultado da continuidade dessa pesquisa, que atualmente está em andamento e é financiada pela FAPESP (Processo nº 2016/07884-0).

posteriormente recolhidos no livro *Lettere luterane*¹²⁶ (1976) e receberam o título de “Gennariello”. Nesse “pequeno tratado pedagógico”, como o próprio autor nomeia, cria um personagem para ser seu pupilo¹²⁷ e receber lições ao longo dos meses sobre o cenário italiano da época. Esse personagem é Gennariello, um jovem burguês napolitano¹²⁸, “uno studente che fa la prima o la seconda liceo”¹²⁹ (Pasolini, 2001, p. 553).

Na constituição desses textos, o estudante imaginado representa, na verdade, um contraponto – ou uma espécie de sobrevivente – ao tempo presente, como se os napolitanos não fizessem parte desse mundo: “preferisco la povertà dei napoletani al benessere della repubblica italiana, preferisco l’ignoranza dei napoletani alle scuole della repubblica italiana”¹³⁰ (Pasolini, 2001, p. 551). A troca de conhecimentos é também facilitada pelo fato do personagem ser napolitano, pois para o escritor há elementos, como o respeito e a alegria, que permitem que se possa ensinar qualquer coisa a um napolitano: “Io con un napoletano posso semplicemente dire quel che so, perché ho, per il suo sapere, un’idea piena di rispetto, quasi mitico, e comunque pieno di allegria e di naturale affetto”¹³¹ (Pasolini, 2001, p. 551).

A escolha de criar um jovem para dar lições, e caracterizá-lo como napolitano e burguês, levanta duas hipóteses: a primeira, o quanto os jovens italianos são importantes no contexto de produção jornalística *corsária* de Pasolini; a segunda, a ideia de que existe um jovem italiano ao qual o autor quer exatamente se reportar ao longo de seus ensaios, tornando evidente o interesse pedagógico do escritor em se comunicar com essa geração de leitores.

¹²⁶ É sabido que Pasolini chegou a organizar esses escritos para sempre publicados como livro sob o título de *Lettere luterane*, entretanto sua publicação só se deu postumamente, um ano após seu brutal assassinato ocorrido em 1975 em Óstia, na Itália.

¹²⁷ O texto que abre a série, “Paragrafo primo: come ti immagino”, foi originalmente publicado como “A un ragazzo borghese venuto da Napoli” no jornal *Il Mondo*, em 6 março de 1975.

¹²⁸ Come il tuo nome immediatamente suggerisce, sei napoletano. Dunque, prima di andare avanti con la tua descrizione, poiché la domanda sorge impellente, dovrò spiegarti in poche parole perché ti ho voluto napoletano. (...) i napoletani rappresentano per me una categoria di persone che mi sono appunto, in concreto, e, per di più, ideologicamente, simpatici. Essi infatti in questi anni – e, per la precisione, in questo decennio – non sono molto cambiati. Sono rimasti gli stessi napoletani di tutta la storia” (Pasolini, 2001, p. 551).

¹²⁹ “(...) um estudante que está no primeiro ou segundo ano do ensino médio” (tradução minha). O liceu moderno italiano corresponde ao ensino médio brasileiro, isto é, é a escolarização dos jovens de 15 a 18 anos.

¹³⁰ “Prefiro a pobreza dos napolitanos ao bem-estar da república italiana; prefiro a ignorância dos napolitanos às escolas da república italiana” (tradução minha).

¹³¹ “Eu, com um napolitano, posso simplesmente dizer o que sei, porque tenho pelo seu saber uma ideia repleta de respeito quase mítico, no entanto repleto de alegria e de afeto” (tradução minha).

Nesse sentido, o ambiente é inventado para que certas ideias sejam desenvolvidas. Em primeiro lugar, o fato de o jovem ser napolitano estabelece como forte referência o mundo camponês, isto é, o mundo das tradições explorado nas análises de Pasolini – Nápoles é uma das regiões mais antigas da Itália e resguarda um certo ar provinciano nos costumes, se opondo diametralmente às circunstâncias que o ensaísta reconhece nos grandes centros urbanos tomados pelos ideais do consumismo desenfreado e da lógica capitalista das relações pessoais. Em segundo lugar, é um fato positivo Gennariello ser um estudante burguês, na medida em que ele pode utilizar suas próprias referências burguesas para reagir contra elas.

A possibilidade de inconformismo de um jovem estudante burguês já havia sido levantada anos antes, em 1961, em resposta à carta de um leitor recebida enquanto mantinha sua coluna “Diálogos com Pasolini” no periódico *Vie nuove*:

Dei giovani borghesi studenti sono positivi coloro che sanno reagire al conformismo dell’educazione familiare e della scuola: o, se sono intellettualmente così deboli da accettarlo, lo accettano con un certo spirito laico di tolleranza, ed evitano il puro e semplice qualunquismo¹³² (Pasolini, 1996, p. 108).

Apesar de existir entre o texto de *Vie nuove* e “Gennariello” um intervalo de 14 anos repletos de reflexões e análises, o escritor parece conservar sua confiança em certos jovens burgueses, os quais seriam capazes de reagir e de se indignar ao perceberem os mecanismos ideológicos da educação burguesa – ou poderiam simplesmente tolerar o conformismo por serem ingenuamente desinformados (o que soa melhor do que serem deformados ou indiferentes).

Sendo assim, Gennariello seria esse jovem apto a compreender certas indagações, afinal é um estudante burguês passível de inconformismo e reação. Além disso, é um jovem que conserva qualquer coisa de mítico da sua tradição napolitana, de um “velho mundo” em desaparecimento¹³³. Tais descrições, criadas propositalmente por Pasolini, ratificam certas estratégias discursivas, de forma a manter uma comunicação efetiva entre escritor e jovem. A escrita didática, potencializada pelo contexto de se conduzir um

¹³² “Os jovens estudantes burgueses são positivos com aqueles que sabem reagir ao conformismo da educação familiar e da escola; se são intelectualmente fracos ao aceitá-lo, aceitam-no com um certo espírito laico de tolerância e evitam o puro e simples indiferentismo” (tradução nossa).

¹³³ Efetivamente, dá-se mais destaque à origem napolitana do que à condição burguesa: “Ma il fatto che tu sia napoletano esclude che tu, pur essendo borghese, non possa essere anche interiormente carino. (...) A Napoli sono pieni di vitalità sia il ragazzo povero che il ragazzo borghese” (Pasolini, 2001, p. 553).

pupilo, funcionaria também para todos os leitores de seus ensaios, o que expande o alcance dessa série de textos.

Por outro lado, por mais abrangente que seja essa comunicação, há certas diferenças entre os jovens que precisam ser levadas em conta para evitar generalizações ou mitificações. Na mesma ocasião em que responde à carta de *Vie nuove*, Pasolini fala contra a ideia de um jovem em abstrato, a fim de desconstruir a concepção “jovens de hoje” que seu leitor- remetente criara:

Vede, lei usa una parola “giovani”, che, scientificamente, non significa quasi nulla eccetto che nel campo biologico. Mi sembra perciò illecito generalizzare parlando di “giovani”: mi sembra un residuo romantico, dolciastro, adulatorio. (...) Ci sono dei giovani “lavoratori”, ci sono dei giovani “borghesi” (ossia, generalmente studenti), ci sono dei giovani “capitalisti” (o meglio figli di capitalisti: simili al Dino della *Noia* di Moravia, per es.), e, infine, ci sono dei giovani “sottoproletari” (molti, in Italia, da Roma in giù, sia nelle città che nelle campagne)¹³⁴ (Pasolini, 1996, pp. 107-108).

Nessa categorização de jovens proposta na década de 1960, o escritor se refere com aparente afeto e esperança aos jovens subproletários, os quais são “mais sãos” por manterem preservada sua “inteireza natural” – “sua vitalidade está perfeitamente disponível”. Além disso, foram menos reprimidos pelo “falso moralismo da educação burguesa”, o que os torna mais límpidos do que os outros (Pasolini, 1996, p. 109).

Essa descrição é marcante pois aponta para análises pautadas pela “vitalidade” e pela “limpidez” dos jovens “subproletários”, caracterizações que serão substituídas, na década de 1970, por constatações mais radicais, levando Pasolini a declarar que “(...) entre os jovens subproletários das *borgate*¹³⁵ e os fascistas dourados das Parioli¹³⁶, não há mais que diferenças retóricas. O nivelamento cultural tende a suprimir entre eles as diferenças psicológicas e, literalmente, físicas” (Dufлот, 1983, p. 158). A padronização cultural, tão

¹³⁴ “Veja, você usa a palavra ‘jovens’ que, cientificamente, não significa quase nada, a não ser no campo biológico. Por isso me parece errado generalizar ao se falar de ‘jovens’; me parece um resíduo romântico, adocicado, adulatório. (...) Existem jovens ‘trabalhadores’, existem jovens ‘burgueses’ (isto é, geralmente estudantes), existem jovens ‘capitalistas’ (ou melhor, filhos dos capitalistas, semelhantes ao Dino de Noia, do Moravia, por exemplo), e, enfim, existem os jovens ‘subproletariados’ (milhares, de Roma pra baixo, tanto nas cidades quanto nos campos)” (tradução minha).

¹³⁵ Conjuntos habitacionais bastante precários que foram construídos nas periferias da cidade de Roma na década de 1930.

¹³⁶ Parioli é um bairro da burguesia romana que, durante o regime fascista, foi habitado por funcionários de altos cargos.

duramente denunciada, dominará também esses jovens e os fará perder aquela inteireza que lhes era natural, de forma que tanto os jovens burgueses, quanto os subproletários e os fascistas irão se tornar muito parecidos psicologicamente e, o mais assustador na visão de Pasolini, fisicamente.

Oggi tutto è cambiato: quando parliamo di padri e di figli, se per padri continuiamo sempre a intendere i padri *borghesi*, per figli intendiamo sia i figli *borghesi* che i figli *proletari*. Il quadro apocalittico, che io ho abbozzato qui sopra, dei figli, comprende borghesia e popolo. Le due storie si sono dunque unite: ed è la prima volta che ciò succede nella storia dell'uomo¹³⁷ (Pasolini, 2001, pp. 546-547).

O escritor supõe uma dicotomia entre burguesia e povo que os pais, das gerações precedentes, chegaram a conhecer. Era um período com características sociais acentuadas, que definiam quem era quem. Mas a geração dos filhos, nascidos em um mundo transformado, seria indiferentemente burguesa ou subproletária, o que levou à união das duas histórias em uma só.

Evidentemente, há uma indignação com o desaparecimento das diferenças entre os jovens italianos. O desejo de ser como os jovens burgueses estaria corrompendo as características habituais das outras classes sociais, de forma a deixar todos os jovens iguais e aculturados. No ensaio “Il mio *Accattone* in TV dopo il genocidio”¹³⁸, fala-se, por exemplo, sobre os jovens subproletários de Roma, que agora têm vergonha de serem operários e querem imitar os “filhinhos de papai”:

metà e più dei giovani che vivono nelle borgate romane, o insomma dentro il mondo sottoproletario e proletario romano, sono, dal punto di vista della fedina penale, onesti. Sono anche bravi ragazzi. Ma non sono più simpatici. Sono tristi, nevrotici, incerti, pieni d'una ansia piccolo-borghese; si vergognano di essere operai; cercano di imitare i “figli di papà”, i “farlocchi”¹³⁹ (Pasolini, 2001, p. 678).

¹³⁷ “Hoje em dia tudo está mudado: quando falamos de pais e filhos, se por pais continuamos a entender pais *burgueses*, por filhos entendemos tanto filhos *burgueses* quanto filhos *proletários*. O quadro apocalíptico dos filhos que esbocei aqui compreende burguesia e povo. As duas histórias portanto se uniram, e é a primeira vez na história humana que isso acontece” (tradução minha).

¹³⁸ Publicado originalmente em 8 de outubro de 1975, em *Corriere della Sera*, com o título “Giudico il mio film *Accattone*”. Compõe a coletânea *Lettere luterane*.

¹³⁹ “Mais da metade dos jovens que vivem nas borgatas romanas, isto é, dentro do mundo proletário ou subproletários de Roma, são do ponto de vista dos registros criminais honestos. São ótimos rapazes, mas não são mais simpáticos. São tristes, neuróticos, incertos, cheios de uma ânsia pequeno-burguesa. Se envergonham de serem operários e procuram imitar os ‘filhinhos de papai’, os ‘dissimulados’” (tradução minha).

Pela contextualização do escritor, os jovens subproletários não são mais transparentes, não possuem mais a mesma vitalidade. A imersão cultural no mundo padronizado os transformou em pessoas tristes, apáticas, ansiosas, como são os pequeno-burgueses.

É nesse sentido que a juventude italiana se torna essencial para a produção pasoliniana dos anos *corsários*. São os sinais comportamentais e linguísticos emitidos por esses jovens que serão a base para as análises semiológicas. É no corpo desses jovens que as mudanças econômicas, culturais, políticas deixarão fisicamente suas marcas.

Para o crítico italiano Marco Belpoliti, pode-se apreender uma nova forma de ler os escritos jornalísticos de Pasolini por esse viés. Diferentemente das leituras críticas que ligavam o ensaísmo diretamente a questões políticas, propõe-se uma leitura em que os protagonistas dos escritos jornalísticos são os jovens e o ponto de partida para analisá-los é seu o aspecto visual: “o critério é físico, diz respeito ao corpo” (Belpoliti, 2003, p. 142). Seguindo essa linha, o critério de argumentação não seria a distinção entre classes sociais ou entre direita e esquerda, mas sim o aspecto físico desses jovens, “a passagem das ‘belas nuças’ (...) aos cabelos longos” (Belpoliti, 2003, p. 144)¹⁴⁰.

O ensaio de abertura do livro *Scritti corsari* (1975), o qual também reúne vários artigos publicados em jornais ao longo da década de 1970, é essencial para compreender esse mecanismo de interpretação utilizado por Pasolini. Em “Il ‘discorso’ dei capelli”¹⁴¹, o escritor, que se autointitula como um “decodificador”¹⁴² de discursos silenciosos, analisa o comportamento de dois jovens com cabelos longos que encontrou em Praga. Buscando inferir o significado da “linguagem de seus cabelos”, aquela que substitui a “tradicional linguagem verbal”, investiga os sinais deixados pelos rapazes e conclui:

Ora così i capelli lunghi dicono, nel loro inarticolato e ossesso linguaggio di segni non verbale, nella loro teppistica iconicità, le “cose” della televisione o delle *réclames* dei prodotti, dove

¹⁴⁰ O crítico dá sequência a sua análise destacando o tema da homossexualidade. Segundo sua leitura, a “falsa tolerância” presente nas críticas de Pasolini seria reflexo da dominação do coito heterossexual: “la tolleranza di oggi è il dominio del coito eterosessuale, imposto quasi come un dovere anche nelle giovani generazioni, mentre un tempo la repressione sessuale, la proibizione dei rapporti tra ragazzi e ragazzi, uomini e donne, lasciava spazio a una tolleranza verso la pratica omosessuale degli eterosessuali” (Belpoliti, 2003, p. 150). Deixamos a indicação, mas não nos aprofundaremos no tema aqui devido a sua amplitude.

¹⁴¹ Publicado originalmente como “Contro i capelli lunghi” em 7 de janeiro de 1973, no jornal *Corriere della Sera*.

¹⁴² “Benché i capelli – riassorbiti nella furia verbale – non parlassero più autonomamente ai destinatari frastornati, io trovai tuttavia la forza di acuire le mie capacità decodificatrici, e, nel fracasso, cercai di prestare ascolto al discorso silenzioso, evidentemente non interrotto, di quei capelli sempre più lunghi” (Pasolini, 2001, p. 274).

è ormai assolutamente inconcepibile prevedere un giovane che non abbia i capelli lunghi: fatto che, oggi, sarebbe scandaloso per il potere.

Provo un immenso e sincero dispiacere nel dirlo (anzi, una vera e propria disperazione): ma ormai migliaia e centinaia di migliaia di facce di giovani italiani, assomigliano sempre più alla faccia di Merlino. La loro libertà di portare i capelli come vogliono, non è più difendibile, perché non è più libertà¹⁴³ (Pasolini, 2001, p. 277).

Pasolini entende que os jovens foram tomados pelo ideal burguês e moldados pela televisão e por *slogans* de produtos. Deveriam condená-lo, mas na verdade só o corroboram com seu comportamento. O que se apreende, pois, desses sinais é devastador: com seus cabelos, os jovens estariam dizendo “Nós somos os burgueses: e aqui estão nossos cabelos compridos para testemunhar nossa modernidade internacional de privilegiados!” (Pasolini, 2001, p. 276). Acreditava-se que esses jovens deveriam tomar consciência desse processo histórico e superar a geração de seus pais, mas, ao contrário, são eles que integram o sistema e confirmam, por meio de seu comportamento, o conformismo, a tolerância, o convencionalismo imputados pelo neocapitalismo.

O autor percebe ainda que os jovens dessa nova geração estão abrindo mão de sua formação intelectual e cultural – e consequentemente deixando de ter a conscientização histórica desejada – e que por isso não conseguem se opor ao ciclo de influências a que estão submetidos. E mesmo quando eles pensam estar se opondo ao sistema, não fazem mais do que reforçar os valores neocapitalistas:

Aí está o fundo do problema: eles [jovens] utilizam contra o neocapitalismo armas que levam na realidade sua marca de fábrica e que estão destinadas a reforçar, justamente, sua hegemonia. Eles acreditam quebrar o círculo e não fazem mais do que reforçá-lo (Dufлот, 1983, p. 78).

É relevante notar que tanto Gennariello quanto os cabeludos de Praga são importantes para compreender a interação de Pasolini com os jovens, afinal o autor os tratou como interlocutores e como fonte de suas análises semiológicas em seus ensaios.

¹⁴³ O crítico dá sequência a sua análise destacando o tema da homossexualidade. Segundo sua leitura, a “falsa tolerância” presente nas críticas de Pasolini seria reflexo da dominação do coito heterossexual: “la tolleranza di oggi è il dominio del coito eterosessuale, imposto quasi come un dovere anche nelle giovani generazioni, mentre un tempo la repressione sessuale, la proibizione dei rapporti tra ragazzi e ragazzi, uomini e donne, lasciava spazio a una tolleranza verso la pratica omosessuale degli eterosessuali” (Belpoliti, 2003, p. 150). Deixamos a indicação, mas não nos aprofundaremos no tema aqui devido a sua amplitude.

Porém, coloca-se aqui uma indagação: como Pasolini resolve o fato de ser um homem de outro tempo e com outra formação tentando se comunicar e estabelecer paralelos com jovens nascidos e amadurecidos em outro mundo, em outra realidade?

Novamente em “Gennariello”, Pasolini observa esse descompasso de geração que o separa de seu pupilo:

la mia cultura (coi suoi estetismi) mi pone in un atteggiamento critico rispetto alle ‘cose’ moderne intese come segni linguistici. La tua cultura, invece, ti fa accettare quelle cose moderne come naturali, e ascoltare il loro insegnamento come assoluto¹⁴⁴ (Pasolini, 2001, 573).

O autor reconhece que sua formação cultural o coloca em uma posição crítica diversa daquela do jovem napolitano. Seu enfrentamento diante das “coisas modernas” é sempre tentando interpretá-las como sinais, enquanto que os jovens da geração seguinte só as veem como naturais e absolutas, pois também eles fazem parte dessas “coisas modernas”. Quer dizer que todos os sinais observados semiologicamente pelo escritor não afetam os jovens, pois fazem parte desse novo mundo em que eles nasceram.

Falando sobre o personagem Gennariello, o crítico italiano Marco Bazzocchi observa que falta uma “reciprocidade didática” entre esses universos distintos, pois entre o mestre de 50 anos e o aluno de 15 há um “verdadeiro fim do mundo”. Por isso “as coisas que foram ditas ao primeiro não existem mais, e as coisas que dizem ao segundo não podem ser compreendidas pelo primeiro” (Bazzocchi, 1998, p. 151). Entre essas duas gerações um certo mundo “acabou” para dar lugar a outra realidade e a outros valores. A incomunicabilidade entre as gerações se dá justamente porque são referências e parâmetros diferentes, pautados em experiências diferentes de vida.

Para Pasolini é *um* mundo que entra em destruição a partir da revolução tecnológica e o fortalecimento do neocapitalismo na Itália. Chega-se à conclusão de que alterações tão profundas na configuração da humanidade, sobretudo as causadas pelo sistema econômico capitalista, distanciam a comunicação entre gerações diferentes. O desespero de Pasolini em seus ensaios *corsários* parece ser justamente perceber que na Itália de 1970 alguma coisa mudou e que, com isso, os meios de comunicação, as formas

¹⁴⁴ “A minha cultura (com seus esteticismos) me coloca em uma posição crítica em relação às ‘coisas’ modernas vistas como signos linguísticos. A sua cultura, ao contrário, te faz aceitar aquelas coisas modernas como naturais, e a tomar seu ensinamento como absoluto” (tradução minha).

de lidar com as experiências, as linguagens capazes de dar conta da realidade e de se comunicar com os jovens também mudaram.

Em *Empirismo eretico* (1972), no ensaio “Tabella”, observa-se como, na concepção do escritor, a linguagem está diretamente relacionada ao mundo vivido e que, por isso, só pode ser compreendida por pessoas que pertençam ao mesmo mundo:

ciò che è in comune tra cifratore e decifratore di linguaggi verbali *non è tanto la lingua verbale, quanto il mondo* vissuto. (...) Non ci può essere un linguaggio comune (comunicazione) tra due esseri appartenenti a due Realtà diverse: esso resterebbe pura arbitrariedade e convenzione, che non evocarebbe niente, ossia tradurrebbe segni a loro volta incomprensibili¹⁴⁵ (Pasolini, 1972, p. 299).

Dois seres de realidades diferentes, ou seja, de gerações diferentes, não possuem uma linguagem em comum. Nesse sentido, as experiências de mundo de Pasolini e dos jovens com os quais ele se comunica são diferentes, logo a linguagem também é diferente e por isso impossibilita ou dificulta muito a comunicação entre ambos. São duas realidades diversas que Pasolini busca *reconectar* pela linguagem em seus ensaios – porém o que faz sentido para uma, não faz para a outra, pois partem de mundos diferentes. Dessa forma, o autor conclui que qualquer comunicação em que não haja identificação entre as duas partes se torna apenas uma convenção cheia de incompreensões.

Por outro lado, podemos entender que Pasolini só foi capaz de fazer as constatações que fez justamente por pertencer a outro mundo, a outra geração, e por conhecer um tempo passado. A ruptura entre as realidades talvez seja exatamente a distância necessária para que o autor pudesse perceber as mudanças sutis que estavam ocorrendo na Itália no presente. Alguém que nascesse imerso nesse mundo mudado não conseguiria percebê-las, pois as tomaria como naturais: esse seria o caso dos jovens. E como Bazzocchi observou ao falar sobre “Gennariello”, as coisas faladas por Pasolini não podem ser entendidas pelos jovens pois se referem ao seu próprio mundo. Ou seja, só seria possível que alguém “de fora” fosse acometido pelo estranhamento em relação a uma realidade diferente da sua e apenas esse alguém conseguiria traduzir para outras

¹⁴⁵ “Aquilo que existe em comum entre o cifrador e o decifrador de linguagens verbais *não é tanto a língua verbal, mas o mundo* em que se vive. (...) Não pode existir uma linguagem comum (comunicação) entre dois seres pertencentes a duas realidades diferentes. Isso seria pura arbitrariedade e convenção, que não evocaria nada, ou seja, só traduziria signos por sua vez incomprensíveis” (tradução minha).

gerações as mudanças que reconhece.

Mas Pasolini sabe que, mesmo tentando ser esse elo de comunicação entre as gerações, ele não pode se eximir da sua parcela de culpa pela “mutação antropológica”¹⁴⁶. No ensaio “I giovani infelici”, o autor opõe pais e filhos, ou seja, sua geração e a geração dos jovens, e se inclui entre os pais, que seriam também culpados pela situação atual:

Ebbene, non esito neanche un momento ad ammetterlo: ad accettare cioè personalmente tale colpa. (...) In quanto padre. In quanto uno dei padri. Uno dei padri che si son resi responsabili, prima, del fascismo, poi un regime clerico-fascista, fintamente democratico, e, infine, hanno accettato la nuova forma del potere, il potere dei consumi, ultima delle rovine, rovina delle rovine¹⁴⁷ (Pasolini, 2001, p. 542).

Pasolini se reconhece como pai e como engrenagem desse ciclo de passagem do antigo fascismo a um regime falsamente democrático, a última ruína das ruínas. A culpa existe pois os pais removeram de suas consciências de antifascistas a memória do velho fascismo. Além disso, são também culpados pela aceitação consciente ou inconsciente “da violência degradante e dos verdadeiros e imensos genocídios do novo fascismo” (Pasolini, 2001, p. 547). É preciso então conviver com essa culpa que não pode ser desfeita, afinal o tempo não retrocede jamais, e de alguma forma fazer dela sua força crítica. Esse parece ser o único movimento possível concebido por Pasolini ao propor em seus textos jornalísticos uma reflexão sobre os jovens italianos e o lugar ocupado por eles em um novo mundo de caos e barbáries.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZZOCCHI, Marco Antonio. *Pier Paolo Pasolini*. Milão: Bruno Mondadori, 1998.

BELPOLITI, Marco. “Pasolini corsaro e luterano” em *Nuovi Argomenti*, 21, gen.-mar., 2003.

DUFLOT, Jean. *Pier Paolo Pasolini: As últimas palavras do herege*. Entrevistas com Jean Dufлот. Trad. Luiz Nazário. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

¹⁴⁶ Ideia conceitualizada por Pasolini para explicar as mudanças ocorridas na Itália durante os anos de 1960 e 1970, sobretudo como consequência do já mencionado neocapitalismo e do consumismo desenfreado. Essa questão pode ser explorada no artigo “Studio sulla rivoluzione antropologica in Italia”, publicado em 10 de junho de 1974 no *Corriere della Sera* (Pasolini, 2001, p. 307-312).

¹⁴⁷ “Pois bem, não hesito nem por um instante em admitir, isto é, em assumir pessoalmente tal culpa. (...) Enquanto pai. Enquanto um dos pais. Um dos pais que se tornaram responsáveis, primeiro, pelo fascismo, depois por um regime clerical-fascista, falsamente democrático, e que, por último, aceitaram a nova forma do poder, o poder do consumo, última das ruínas, ruína das ruínas” (Pasolini, 1990, pp. 28-29).

PASOLINI, Pier Paolo. *Empirismo eretico*. Milão: Garzanti, 1972.

_____. *Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários*. Org. Michel Lahud. Trad. Michel Lahud e Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Le belle bandiere: dialoghi 1960-1965*. Roma: Riuniti, 1996.

_____. *Saggi sulla politica e sulla società em I Meridiani*. Org. Walter Siti. Milão: Mondadori, 2001.